Grupos terapêuticos, relações intergêneros e masculinidades: um olhar psicodramático vínculos, papéis e conservas culturais

Sara Guerra Carvalho de Almeida[1]
Isys de Sousa Lopes [2]
Bárbara Crespo [3]

RESUMO

Na perspectiva das relações de gênero e da sexualidade, as masculinidades podem ser compreendidas como experiências que atravessam os corpos, materializando-se em tensões musculares, posturas, habilidades físicas e modos de se movimentar, falar e se relacionar. Essas experiências são constituídas em campos relacionais permeados por conservas culturais que modelam expectativas afetivas, posições de poder e formas de vinculação. Tais construções contribuem para a sustentação de padrões de apego ansioso, dificuldades na delimitação de limites e manutenção de vínculos assimétricos, frequentemente orientados por normas que regulam comportamentos e emoções a partir de modelos hegemônicos e patriarcais de masculinidade. Este trabalho reúne três experiências que problematizam as masculinidades em contextos psicoterapêuticos e socioeducacionais, articulando discussões sobre saúde, educação e relações intergêneros, especialmente em situações que envolvem ansiedade, separações, parentalidade, identidade e pertencimento. A proposta da mesa consiste em analisar diferentes direções grupais — com homens e mulheres — que possibilitam a reflexão crítica sobre papéis de gênero e seus efeitos nos modos de existir e se relacionar. O primeiro estudo tem como objetivo relatar a experiência de um grupo reflexivo com homens sobre masculinidades e saúde, destacando os processos vivenciados e os sentidos produzidos pelos participantes. O segundo apresenta a experiência didática de uma professora universitária psicodramatista ao abordar masculinidades e papéis de gênero em sala de aula. O terceiro descreve a experiência de um grupo terapêutico intergênero, composto por homens e mulheres cis, voltado à elaboração de conflitos relacionais e emocionais. As três experiências foram conduzidas com base no método psicodramático, estruturado em três etapas: aquecimento, dramatização e compartilhamento. No aquecimento, foram utilizados disparadores que mobilizam memórias e referências significativas, como a pergunta “quais homens marcaram minha vida?”. Na

[1] Doutorado, Universidade de Fortaleza – UNIFOR e Instituto de Psicodrama e Mascarás – IPM Ceará, psicologasaraguerra@gmail.com.
[2] Psicodramatista, Especialista em Terapia Cognitivo Comportamental. Instituto Mineiro de Psicodrama – IMPSI, isyyslopes@gmail.com.
[3] Psicodramatista, nocaminhoterapias@gmail.com.

dramatização, emergiram conteúdos internalizados relacionados às normas de gênero, por meio de cenas, falas e construções simbólicas. O compartilhamento possibilitou a elaboração coletiva das vivências, favorecendo a ampliação da consciência sobre os papéis desempenhados. Posteriormente, realizou-se uma análise dos discursos e experiências produzidos, tanto nos contextos clínicos quanto educacionais. Os resultados evidenciam que os espaços grupais e institucionais operam de forma ambivalente: ao mesmo tempo em que podem reproduzir desigualdades e processos de exclusão, também se constituem como territórios de disputa, debate e resistência. Observa-se que os processos violentos presentes na construção da masculinidade hegemônica, frequentemente associados à figura do "cabra-macho", tendem a ser naturalizados e pouco problematizados, contribuindo para a perpetuação de violências contra mulheres e pessoas LGBT+. Por outro lado, as intervenções psicodramáticas favorecem a flexibilização de papéis de gênero, a ressignificação de experiências e a construção de vínculos mais conscientes e saudáveis. Conclui-se que o psicodrama se apresenta como um dispositivo potente na articulação entre dimensões subjetivas e socioculturais, contribuindo para a transformação das relações intergêneros e para a promoção da saúde mental.

Palavras-chave: Masculinidades. Intervenção grupal. Gênero. Sexualidade. Conservas culturais.

Psicoterapia de grupo: política, gênero, religião e raça em cena na atualidade

Isys de Sousa Lopes [4]

RESUMO

A psicoterapia de grupo na atualidade se torna um desafiador ofício de atuação ao inaugurar o sofrimento psíquico, situando-o também no âmbito das dinâmicas coletivas e sociais, contexto esse cada vez mais escasso ao considerar uma direção de épocas cada vez mais individualizantes. Dessa forma, este trabalho tem o intuito de manifestar e discutir como o Psicodrama, criado por Jacob Levy Moreno, é aplicado no contexto da psicoterapia em grupo online, destacando seu potencial ao considerar tanto fatores amplos (políticos, sociais, econômicos, etc.) quanto seus impactos individuais, evidenciando a importância do vínculo e da dramatização em grupo independente do palco psicodramático em que a cena acontece. Os resultados apontam que o sofrimento psíquico, como ansiedade, depressão e angústia, frequentemente interpretado como patologia individual, pode ser compreendido como expressão de um contexto social mais amplo, muitas vezes marcado por desigualdades e exigências normativas. Nesse sentido, a psicoterapia de grupo se apresenta como um espaço privilegiado para a desconstrução de leituras patologizantes, ao evidenciar os atravessamentos sociais que constituem a subjetividade.

Palavras-chave: Intervenção grupal. Religião. Política. Conservas culturais. Grupo terapêutico. Psicodrama. Sociodrama. Raça. Atualidade.

1 INTRODUÇÃO

A psicoterapia de grupo na atualidade se torna um desafiador ofício de atuação ao inaugurar o sofrimento psíquico, situando-o também no âmbito das dinâmicas coletivas e sociais, contexto esse cada vez mais escasso ao considerar uma direção de épocas cada vez mais individualizantes. Refletindo aspectos concretos das interações humanas atuais, essa abordagem escancara como fatores políticos, socioeconômicos, culturais e históricos atravessam a constituição da subjetividade. Nesse sentido, o adoecimento psíquico deixa de ser compreendido apenas como um fenômeno individual, passando a ser analisado como expressão

[4] Psicodramatista, Especialista em Terapia Cognitivo Comportamental. Instituto Mineiro de Psicodrama – IMPSI, isyyslopes@gmail.com.

das condições sociais que moldam expectativas, papéis e formas de existência. É a partir dessa perspectiva ampliada que o presente trabalho se desenvolve, investigando o potencial do psicodrama, especialmente no contexto contemporâneo marcado pela era digital, como ferramenta de análise, expressão e transformação das experiências subjetivas e coletivas.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

"A contribuição que a psicoterapia de grupo forneceu à ciência do grupo é a de que ela se ocupa, de forma realística, com a patologia do grupo" (Moreno, 1959. pg19) revelando, neste sentido, o contexto político, socioeconômico, religioso, de gênero e raça que atravessa o adoecimento associado à constituição da subjetividade ao trazer informações não só relacionadas a uma patologia propriamente dita, mas a reguladores sociais, discursos e práticas que definem o que é esperado de cada sujeito a partir de seu contexto de vida que podem vir, inclusive, a serem fatores balizadores facilmente confundidos a contextos patológicos, quando, na verdade, se considerarmos a lógica capitalista, apenas revelam o que o próprio contexto é por si só: adoecedor. Desta forma, o sofrimento psíquico não pode ser dissociado das condições sociais e históricas que o produzem.

No contexto da psicoterapia, essas dinâmicas emergem, e dentro do contexto do grupo, se atualizam nas interações entre os participantes, onde Nery (2014) destaca que o enfoque do Psicodrama é e sempre foi o vínculo, sendo assim o grupo, consegue se desenvolver de forma afetiva, apoiando-se uns aos outros e como um microcosmo social onde, à maneira em que a matriz do grupo encontra-se, conflitos internos das mais variadas formas e contextos, papéis de gênero, posições subjetivas e padrões relacionais são encenados e compartilhados, nos dando pistas valiosas das conservas culturais, que por exemplo, podem envolver o átomo social do sujeito, conflitos sociais e/ou de diversas ordens. Trazendo a possibilidade do espaço grupal reconhecer essas experiências, promovendo processos de identificação, empatia, validação e

elaboração coletiva, ao mesmo tempo em que favorece a experimentação de novas formas de posicionamento e vínculo, dando a oportunidade de quebra de conservas culturais de forma acolhedora e segura se considerarmos a oportunidade da potência do acolhimento produzido pelo próprio grupo.

Técnicas como a inversão de papéis, psicodrama interno, o duplo e o espelho permitem a externalização de conflitos internalizados e a problematização das conservas culturais que sustentam desigualdades. Ao favorecer a espontaneidade e a criatividade, as cenas sociodramáticas e psicodramáticas possibilitam a construção de respostas novas frente a padrões cristalizados, ampliando o repertório relacional dos sujeitos.

2.2 RESULTADOS E DISCUSSÃO

É possível observar que a partir da perspectiva psicodramática, a psicoterapia de grupo, promove ampliação da compreensão do sofrimento psíquico ao situá-lo para além do indivíduo, inserindo-o em um campo relacional e social. Observou-se que, no contexto grupal, emergem conteúdos que expressam não apenas conflitos intrapsíquicos, mas também tensões relacionadas a marcadores sociais como gênero, raça, classe e religião. Esses elementos aparecem nas falas, nos papéis assumidos e nas interações estabelecidas entre os participantes, confirmando a ideia de que o grupo funciona como um microcosmo social.

A construção de um ambiente afetivo e de confiança favorece a expressão de experiências subjetivas profundas, permitindo que os participantes reconheçam aspectos de suas próprias vivências nas narrativas dos outros. Esse movimento promove identificação, empatia e validação, elementos fundamentais para a elaboração psíquica.

Os resultados apontam que o sofrimento psíquico, como ansiedade, depressão e angústia, frequentemente interpretado como patologia individual, pode ser compreendido como expressão de um contexto social mais amplo, muitas vezes marcado por desigualdades e exigências normativas. Nesse sentido, a psicoterapia de grupo se apresenta como um espaço

privilegiado para a desconstrução de leituras patologizantes, ao evidenciar os atravessamentos sociais que constituem a subjetividade.

Outro aspecto relevante diz respeito à potência transformadora do grupo. Ao proporcionar um espaço seguro de experimentação, o psicodrama favorece a criação de novas formas de posicionamento e vínculo, ampliando o repertório relacional dos sujeitos. A espontaneidade e a criatividade, estimuladas pelas intervenções, possibilitam respostas mais flexíveis frente a padrões rígidos, contribuindo para processos de mudança tanto no nível individual quanto coletivo.

Por fim, os resultados reforçam a importância de considerar o entrelaçamento entre sujeito e sociedade na prática clínica, destacando o psicodrama como uma abordagem que integra essas dimensões de forma dinâmica por meio da ação ao articular cenas, sendo este um dispositivo potente para a compreensão e transformação das experiências de sofrimento na contemporaneidade.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste sentido, o presente trabalho se propõe a expor e principalmente dialogar como a abordagem psicodramática, desenvolvida por Jacob Levy Moreno, vem sendo praticada na atualidade, em meio a era digital, evidenciando as potencialidades do processo ao trabalhar de forma ampliada considerando o contexto do macrocosmo (contexto político, socioeconômico, religioso, de gênero e raça) até o microcosmo (como o macrocosmo afeta a subjetividade de cada sujeito) de forma grupal com os papéis sociais por meio da dramatização

Dessa forma, a articulação entre política, psicoterapia de grupo e psicodrama evidencia que a clínica não se restringe ao intrapsíquico, mas se configura como um espaço ético-político de transformação. Ao promover a reflexão crítica sobre aspectos sociais e possibilitar a ressignificação de papéis e vínculos, essas práticas contribuem para a construção de modos de existência mais autônomos, criativos, espontâneos e livres.

REFERÊNCIAS

MORENO, Jacob Levy. Psicoterapia de grupo e psicodrama: introdução à teoria e à práxis. In: Psicoterapia de grupo e psicodrama: introdução à teoria e à praxis. 1959. p. 19-19.

NERY, M. P. **Vinculo e afetividade**: caminho das relações humanas. São Paulo: Ágora, 2014.

Intergêneros em cena: vínculos, espontaneidade e transformação no psicodrama

Bárbara Crespo [5]

RESUMO

O presente trabalho aborda as relações intergêneros no contexto de um grupo terapêutico, a partir da perspectiva socionômica do Psicodrama. Considerando os atravessamentos socioculturais de gênero e sexualidade, observa-se que muitos sofrimentos psíquicos frequentemente se manifestam por meio de padrões vinculares repetitivos, marcados por assimetrias, dificuldade na delimitação de limites e dependência emocional. A fundamentação teórica ancora-se na obra de Jacob Levy Moreno, especialmente nos conceitos de matriz de identidade, papéis, conservas culturais e espontaneidade, articulados às contribuições de Maria da Penha Nery acerca do vínculo e da afetividade, compreendidos como centrais na constituição das relações humanas, além de outras contribuições contemporâneas que compreendem as relações como campos de produção de sentido atravessados por dimensões subjetivas e sociais. Dialoga-se, ainda, com perspectivas críticas contemporâneas, como as de Bell Hooks e Geni Núñez, que elucidam os modos como o amor, os afetos e os vínculos como socialmente construídos e atravessados por relações de poder. O objetivo deste estudo consiste em analisar de que modo o grupo terapêutico psicodramático favorece a ampliação da consciência sobre padrões vinculares intergêneros, promovendo a flexibilização de papéis e a construção de relações mais saudáveis. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, baseada em relato de prática clínica grupal, na qual foram utilizadas técnicas psicodramáticas como duplo, espelho, inversão de papéis dentro das (e entre as) dramatizações de cenas vividas e temidas. Os resultados evidenciam que o grupo opera como microcosmo social, possibilitando a explicitação e ressignificação de padrões relacionais cristalizados. Conclui-se que o Psicodrama, articulado ao Sociodrama, constitui um dispositivo potente para a transformação de vínculos e para a promoção de relações intergêneros mais conscientes e saudáveis.

Palavras-chave: Intervenção grupal. Gênero. Sexualidade. Conservas culturais. Grupo terapêutico. Psicodrama. Sociodrama. Afetividade. Vínculos.

1 INTRODUÇÃO

As relações intergêneros configuram-se como um campo complexo de produção de subjetividade, atravessado por dimensões históricas, socioculturais e políticas. No contexto contemporâneo, observa-se que os vínculos afetivos frequentemente se organizam a partir de

[5] Psicodramatista, nocaminhoterapias@gmail.com.

padrões repetitivos e assimétricos, evidenciando dificuldades na construção de relações saudáveis e na delimitação de limites.

Sob a perspectiva do Psicodrama, desenvolvido por Jacob Levy Moreno, o sujeito constitui-se na matriz de identidade, um campo relacional originário no qual se estruturam os primeiros papéis. Tais experiências tendem a ser reatualizadas ao longo da vida, especialmente quando sustentadas por conservas culturais. Nery (2014, 2018) enfatiza que os vínculos são espaços de produção de subjetividade e transformação, sendo o grupo terapêutico um dispositivo privilegiado para a ressignificação das relações. Dessa forma, o Psicodrama possibilita não apenas a compreensão dos padrões vinculares, mas sua vivência e transformação no aqui-agora relacional.

Ao dialogar com perspectivas críticas contemporâneas, compreende-se que os modos de amar e se vincular são socialmente construídos. Bell Hooks (2021) problematiza o amor como prática ética e política, destacando que em contextos marcados por desigualdade, frequentemente o vínculo amoroso se estrutura a partir de relações de dominação, sendo confundido com controle, dependência ou sacrifício. Assim, práticas afetivas socialmente legitimadas podem sustentar vínculos disfuncionais, ainda que naturalizados. Enquanto Geni Núñez (2023) propõe a necessidade de descolonizar os afetos, questionando modelos normativos e hierarquizantes nas formas de amar e se relacionar.

Dessa forma, este estudo justifica-se pela necessidade de compreender o sofrimento psíquico como fenômeno relacional e sociocultural. O objetivo consiste em analisar como o grupo terapêutico psicodramático pode favorecer a ampliação da consciência sobre padrões vinculares intergêneros.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Sob a perspectiva do Psicodrama, desenvolvido por Jacob Levy Moreno, o sujeito constitui-se na matriz de identidade, compreendida como um campo relacional originário,

dinâmico e estruturante, no qual emergem os primeiros vínculos e se organizam os papéis fundamentais do indivíduo. A matriz configura-se como uma rede de relações em constante atualização, funcionando como uma coordenada espaço-temporal na qual se inscrevem os encontros e desencontros da experiência humana (MORENO, 2016; MENEGAZZO et al., 1995). Nesse contexto, o *locus nascendi* refere-se ao espaço onde se dão as experiências fundantes, enquanto a *matrix nascendi* diz respeito ao processo relacional que sustenta o desenvolvimento do sujeito desde suas origens.

As experiências iniciais, contudo, não permanecem circunscritas ao passado. Conforme propõe Moreno (2016), elas tendem a ser reatualizadas nas relações contemporâneas, especialmente quando organizadas por conservas culturais — formas cristalizadas de sentir, pensar e agir que orientam os modos de vinculação. Tais conservas operam como roteiros internalizados, frequentemente restringindo a espontaneidade, entendida como a capacidade de produzir respostas novas diante de situações antigas. Desse modo, os conflitos relacionais atuais podem ser compreendidos como expressões de padrões vinculares internalizados, que se mantêm ativos na medida em que não são simbolizados ou ressignificados no campo relacional.

Ao ampliar essa compreensão para o campo sociocultural, torna-se fundamental reconhecer que tais padrões não se constituem apenas na esfera individual, mas são atravessados por marcadores sociais, especialmente os de gênero. Autores brasileiros contemporâneos têm enfatizado que as relações de gênero operam como organizadoras dos vínculos e do sofrimento psíquico, evidenciando que tais dinâmicas não podem ser compreendidas de forma dissociada de seu contexto histórico e sociocultural (LUDERMIR, 2008; SANTOS, 2009; NERY, 2018; HOOKS, 2021; NÚÑEZ, 2023). Nessa perspectiva, Nery (2018) destaca que os vínculos são constituídos em campos relacionais permeados por expectativas sociais e afetivas que definem lugares e papéis, influenciando diretamente as formas de ser e de se relacionar.

Lurdemir (2008) aponta que o núcleo essencial da concepção de causalidade da doença mental não se encontra numa determinada classe ou gênero, mas sim nas relações estabelecidas

entre classes e gêneros, caracterizadas pela opressão e subordinação de um grupo por outro. Enquanto Santos (2009) ressalta que é necessário considerar os fatores sociais que engendram os transtornos mentais e, por sua vez, acarretam de maneira diferenciada sofrimento psíquico em mulheres e homens. Todas essas autoras acreditam que são como padrões socialmente produzidos e naturalizados, sendo incorporados subjetivamente como modos legítimos de funcionamento relacional. Assim, o sofrimento psíquico, especialmente nas relações intergêneros, revela-se como expressão de uma articulação complexa entre história pessoal e estruturas sociais.

É nesse ponto que o diálogo com perspectivas críticas contemporâneas se torna essencial. Hooks (2021) problematiza o amor como uma construção sociocultural e propõe compreendê-lo como uma prática ética, que envolve cuidado, responsabilidade, respeito e compromisso. A autora evidencia que, em contextos estruturados por desigualdades, o amor tende a ser distorcido e confundido com dominação, controle ou dependência, contribuindo para a manutenção de vínculos disfuncionais.

De modo complementar, Núñez (2023) propõe a noção de descolonização dos afetos, ao evidenciar que as formas de amar, desejar e se vincular são atravessadas por lógicas normativas e coloniais que produzem hierarquias e exclusões. Para a autora, descolonizar os afetos implica questionar padrões naturalizados e abrir espaço para modos de relação mais plurais, éticos e emancipatórios.

Dessa forma, compreender os vínculos intergêneros exige reconhecer que o sofrimento psíquico se inscreve na interface entre o intrapsíquico e o sociocultural, sendo sustentado tanto por experiências relacionais precoces quanto por estruturas históricas que organizam os papéis de gênero e os modos de amar. É nesse campo de interseção que o Psicodrama se apresenta como um referencial teórico-metodológico potente, ao possibilitar a explicitação, dramatização e ressignificação desses padrões no espaço relacional, promovendo não apenas transformações individuais, mas também deslocamentos nas formas de se vincular.

2.2 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise do material clínico evidencia que o grupo terapêutico psicodramático se configura como um microcosmo social, no qual emergem e se atualizam padrões vinculares internalizados. Observam-se complementaridades patológicas recorrentes, como carência e indisponibilidade, controle e submissão, bem como dinâmicas marcadas por busca de validação externa e autodesvalorização.

Tais configurações revelam a presença de conservas culturais de gênero que organizam os vínculos, restringindo a espontaneidade e a possibilidade de respostas criativas diante dos conflitos. Nesse sentido, os achados corroboram a perspectiva de que o sofrimento psíquico não pode ser compreendido dissociado dos contextos socioculturais que o produzem.

A intervenção psicodramática possibilitou a explicitação desses padrões, favorecendo sua ressignificação. Observou-se, de forma consistente, ampliação do autoconhecimento, à medida que os participantes passaram a reconhecer seus modos de funcionamento relacional. Houve também fortalecimento da autoestima, associado ao acolhimento das vulnerabilidades no contexto grupal.

Destaca-se, ainda, a identificação de potencialidades, promovendo maior senso de autoestima, fortalecimento do protagonismo e ampliação dos recursos internos. A utilização das técnicas psicodramáticas contribuíram para trazer mais saúde no olhar para si e na construção de relações mais saudáveis: O uso de duplo por diversas vezes, em sessões diferentes, auxiliou na clareza dos sentimentos, bem como a percepção que podem ser acolhidos e regulados, impactando a si mesmo de forma diferente e, consequentemente as relações; O espelho trouxe o olhar do sujeito agindo, repetindo padrões não assertivos no desempenho dos papéis, podendo ressignificar as respostas nos vínculos; a inversão de papéis contribuiu significativamente para o desenvolvimento da empatia, permitindo que os participantes acessassem o lugar do outro de forma experiencial.

Percebeu-se também a melhora na qualidade dos vínculos estabelecidos e redução de

sintomas ansiosos, indicando impacto clínico relevante. Tais resultados sugerem que a ampliação da espontaneidade está diretamente associada à flexibilização de papéis e à construção de relações mais saudáveis.

Além de demonstrar a prática dos conceitos e técnicas do Psicodrama, os achados também dialogam com as contribuições das autoras citadas ao evidenciar que a transformação dos vínculos implica também a problematização dos modelos normativos de amor e afeto, frequentemente sustentados por relações de gênero e poder e influenciados pelos fatores socioculturais.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados evidenciam que o grupo opera como microcosmo social, possibilitando a explicitação e ressignificação de padrões relacionais cristalizados. Observou-se a presença de complementaridades patológicas, como carência e indisponibilidade, controle e submissão, evidenciando a influência de conservas culturais de gênero na organização dos vínculos.

Observaram-se ganhos clínicos relevantes, como ampliação do autoconhecimento, - com o acolhimento das vulnerabilidades e identificação das potencialidades individuais - fortalecimento da autoestima, a ampliação da espontaneidade, o manejo emocional, o desenvolvimento da empatia, percepção do protagonismo, a redução de sintomas ansiosos, a definição clara de expectativas com limites e a construção de novas dinâmicas relacionais.

Adicionalmente, os achados reforçam a necessidade de compreender o sofrimento psíquico em sua dimensão relacional e sociocultural, reconhecendo que os vínculos são atravessados por estruturas históricas e por conservas culturais de gênero.

Nesse sentido, o Psicodrama, articulado a perspectivas críticas contemporâneas, amplia seu alcance ao não apenas promover mudanças individuais, mas também favorecer deslocamentos nas formas de se relacionar, contribuindo para a construção de vínculos mais conscientes, éticos e promotores de autonomia.

REFERÊNCIAS

HOOKS, B. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. São Paulo: Elefante, 2021.

LURDERMIR, A. B. Desigualdades de classe e gênero e saúde mental nas cidades: 2008. **PHYSIS: REVISTA DE SAÚDE COLETIVA**, Rio de Janeiro, 18(3), p. 461-467, set/dez, 2008. Disponível em: physis 18.3 https://scielo.br/j/physis/a/VDqwys6Jyvf6zgDdcbHtq/?lang=pt.

MENEGAZZO, C. M. et al. **Dicionário de Psicodrama e Sociodrama.** São Paulo: Ágora, 1995.

MORENO, J. L. **Psicodrama.** São Paulo: Cultrix, 2016.

NERY, M. P. **Vinculo e afetividade**: caminho das relações humanas. São Paulo: Ágora, 2014.

NERY, M. P. **Grupos e intervenção em conflitos**. São Paulo: Ágora, 2018.

NÚÑEZ, G. **Descolonizando afetos**: experimentações sobre outras formas de amar. São Paulo: Planeta, 2023.

SANTOS, A. M. C. C. dos. Articular saúde mental e relações de gênero: dar voz aos sujeitos silenciados: 2009. **OPINIÃO: CIÊNCIA E SAÚDE COLETIVA**, São Paulo, 14(4), p. 1177- 1182, abr/ago, 2009. Disponível em: SciELO Brasil - Articular saúde mental e relações de gênero: dar voz aos sujeitos silenciados Articular saúde mental e relações de gênero: dar voz aos sujeitos silenciados https://scielo.br/j/csc/a/9wRPZFx33WbWtM4FjrsPLTp/?lang=pt.

Masculinidades e papéis de gênero: relato de experiência didática psicodramática universitária

Sara Guerra Carvalho de Almeida[6]

RESUMO

As masculinidades são compreendidas como construções sociais que designam papéis distintos entre homens e mulheres, frequentemente ancorados em uma visão biológica e determinista, que desconsidera a diversidade das experiências e das sexualidades. Nesse cenário, a universidade configura-se como um espaço privilegiado de produção de identidades, tensões e resistências, no qual diferentes sujeitos se encontram e negociam suas formas de existir. O presente trabalho objetiva relatar a experiência didática de uma professora universitária psicodramatista ao abordar masculinidades e papéis de gênero em sala de aula. O método consistiu na análise categorial de uma experiência desenvolvida em uma turma do curso de Psicologia, na cidade de Fortaleza, composta por estudantes com idades entre 22 e 62 anos. A intervenção foi estruturada a partir do método psicodramático, organizado em três etapas: aquecimento, dramatização e compartilhamento. No aquecimento, os participantes foram convidados a refletir sobre a pergunta “quais homens marcaram minha vida?”, favorecendo a evocação de referências masculinas significativas. Em seguida, na dramatização, os estudantes apresentaram frases marcantes ditas por esses homens, possibilitando a externalização de conteúdos internalizados ao longo de suas trajetórias. Por fim, o compartilhamento promoveu a elaboração coletiva das experiências mobilizadas durante a atividade. A análise do material produzido evidenciou três categorias principais: “deixaram marcas que machucam até hoje”, revelando experiências de dor associadas às normas de masculinidade; “homens no contexto protetivo”, destacando a presença de figuras masculinas cuidadoras; e “o contexto universitário é hostil: onde encontramos proteção?”, que problematiza a vivência acadêmica como espaço simultâneo de acolhimento e exclusão. Os resultados indicam que, embora existam experiências positivas de cuidado, predomina a compreensão da masculinidade como um sistema que hierarquiza condutas e impõe padrões idealizados, frequentemente inalcançáveis e adoecedores, tanto para homens quanto para mulheres. Conclui-se que os espaços educacionais, embora frequentemente operem como ambientes de segregação para sujeitos com orientações sexuais e identidades de gênero dissidentes, também se constituem como territórios de disputa e resistência. Nesses contextos, estudantes não heteronormativos ocupam

[6] Doutorado, Universidade de Fortaleza – UNIFOR e Instituto de Psicodrama e Mascarás – IPM Ceará, psicologasaraguerra@gmail.com.

e ressignificam espaços, tensionando normas e produzindo novas possibilidades de existência. Assim, torna-se fundamental promover práticas pedagógicas que favoreçam a reflexão crítica sobre gênero e masculinidades, contribuindo para a construção de relações mais equitativas e saudáveis.

Palavras-chave: Masculinidades. Papéis de gênero. Didática de ensino. Didática psicodramática. Estudantes Universitários.

1 INTRODUÇÃO

A compreensão das masculinidades advém das construções sociais que designam papéis distintos entre homens e mulheres, frequentemente ancorados em uma visão biológica e determinista, que desconsidera a diversidade das experiências e das sexualidades.

Como consequência dessa estruturação, consolida-se um modelo normativo e idealizado de ser homem, associado à masculinidade hegemônica, sustentada por uma ideologia tradicional. Esse modelo patriarcal organiza-se em dois campos inter-relacionados de poder: nas relações entre homens e mulheres, marcadas por desigualdades de gênero, e nas relações entre homens, atravessadas por hierarquias de raça, etnicidade, sexualidade, entre outras.

Nesse cenário, a universidade configura-se como um espaço privilegiado de produção de identidades, tensões e resistências, no qual diferentes sujeitos se encontram e negociam suas formas de existir. Diante disso, o presente trabalho tem como objetivo relatar a experiência didática de uma professora universitária psicodramatista ao abordar masculinidades e papéis de gênero em sala de aula.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Em cada sociedade, as pessoas são atravessadas por conservas culturais que advém de referências sobre: o que significa ser homem ou mulher. Esses papéis que se desenvolvem ao longo do tempo influenciados pela história, cultura, tradições e crenças daquele grupo. Cada

pessoa pode se identificar com tais modelos ou recusá-los, como também descobrir e inventar novas possibilidades identitárias nessa esfera. Dessa forma, percebe-se que as masculinidades e feminilidades não são um dado biológico, mas uma construção social, histórica e subjetiva (Connell, 1995; Silva, Lapinski, 2019).

Masculinidades e feminilidades vão sendo constituídas em múltiplos processos educativos, que nunca estão finalizados, a partir de práticas sociais e institucionais que acabam naturalizando modelos de ser homem e de ser mulher. Neste contexto, o machismo é produto da sociedade patriarcal, que e manifesta a partir de atitudes naturalizadas que muitas vezes passam despercebidas, como olhares, gestos, brincadeiras ou pelo simples fato de ignorar o outro (Silva, Lapinski, 2019).

O conhecimento sobre os papéis de gênero colabora para nosso entendimento sobre as ações de homens e mulheres em relação à saúde. A construção social de gênero vem sendo incorporada no âmbito da saúde com a finalidade de compreender como as expectativas e papéis sociais que recaem sobre os indivíduos associam-se com seus comportamentos e hábitos de vida (Junior & Brito, 2018/2019).

O método adotado consistiu na análise categorial de uma experiência desenvolvida em uma turma do curso de Psicologia, na cidade de Fortaleza, composta por estudantes com idades entre 22 e 62 anos. A intervenção foi estruturada a partir do método psicodramático, organizado em três etapas: aquecimento, dramatização e compartilhamento. No aquecimento, os participantes foram convidados a refletir sobre a pergunta “quais homens marcaram minha vida?”, favorecendo a evocação de referências masculinas significativas. Em seguida, na dramatização, os estudantes apresentaram frases marcantes ditas por esses homens, possibilitando a externalização de conteúdos internalizados ao longo de suas trajetórias. Por fim, o compartilhamento promoveu a elaboração coletiva das experiências mobilizadas durante a atividade.

A análise do material produzido evidenciou três categorias principais: “deixaram marcas que machucam até hoje”, revelando experiências de dor associadas às normas de

masculinidade; “homens no contexto protetivo”, destacando a presença de figuras masculinas cuidadoras; e “o contexto universitário é hostil: onde encontramos proteção?”, que problematiza a vivência acadêmica como espaço simultâneo de acolhimento e exclusão.

2.2 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise do material produzido evidenciou três categorias principais: “deixaram marcas que machucam até hoje”, revelando experiências de dor associadas às normas de masculinidade; “homens no contexto protetivo”, destacando a presença de figuras masculinas cuidadoras; e “o contexto universitário é hostil: onde encontramos proteção?”, que problematiza a vivência acadêmica como espaço simultâneo de acolhimento e exclusão.

Ao problematizar narrativas dos estudantes sobre os sentidos das masculinidades como performances no contexto universitário, percebe-se discursos múltiplos e, de uma maneira geral, divergentes sobre os significados de “ser homem”, ainda que tenham convergido, em alguma medida, com a valorização do ato de se “impor” na universidade, quando o sujeito se identifica como homossexual. Pensar em masculinidades performativas, nos diferentes contextos sociais, nos direciona a vislumbrar o reconhecimento de infinitas possibilidades de “ser homem”, contestando a imposição de padrões e ações sobre os sentidos do masculino, em particular, nos contextos universitários, foco de discussão desta pesquisa.

Os cotidianos universitários são espaços ricos em que os estudantes, através das performatizações, questionam os modos impostos pelo senso comum e pelo pensamento conservador, que buscam estabilizar os sentidos do masculino (Junior & Brito, 2018/2019).

As vidas precárias são vidas historicamente ignoradas, silenciadas, experiências sociais dissidentes que buscam outras formas de ser e estar no mundo. Cabe reiterar que a dissidência se caracteriza enquanto práticas políticas e culturais que escapam aos movimentos de captura hegemônicos. (Couto Junior; Pocahy; Oswald, 2018).

Os sentidos atribuídos ao masculino postulam as performatizações de masculinidades como possibilidades infinitas de identificações para os sujeitos nos contextos sociais.

Entretanto, também reconhecemos que a masculinidade não enquadrada à heterossexualidade leva os sujeitos à condição politicamente induzida de vulnerabilidade, violência e injúria, segundo marcadores sociais de identidade e diferença que promovem uma condição de precariedade (Junior & Brito,2019).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que os espaços educacionais, embora frequentemente operem como ambientes de segregação para sujeitos com orientações sexuais e identidades de gênero dissidentes, também se constituem como territórios de disputa e resistência. Nesses contextos, estudantes não heteronormativos ocupam e ressignificam espaços, tensionando normas e produzindo novas possibilidades de existência.

Assim, torna-se fundamental promover práticas pedagógicas que favoreçam a reflexão crítica sobre gênero e masculinidades, contribuindo para a construção de relações mais equitativas e saudáveis. Além disso, pode contribuir para que instituições educativas (escola, universidade, família etc.) considerem mais criticamente os posicionamentos que adotam quando se propõem a trabalhar com as crianças e jovens essas questões ou ao recusarem a tarefa de fazê-lo, uma vez que tais posicionamentos estão carregados de sentido para esses sujeitos, com repercussões diversas.

REFERÊNCIAS

CONNELL, Robert. Políticas da masculinidade. Educação & Realidade. Porto Alegre, v.20, n.2, p.185-206, jul./dez 1995.

COUTO JUNIOR, D. R.; POCAHY, F.; OSWALD, M. L. M. B. Crianças e infâncias (im)possíveis na escola: dissidências em debate. Periódicus, Salvador, v. 1, n. 9, p. 55-74, 2018. Disponível em: https://bit.ly/2P5JGw6. Acesso em: 23 Mar. 2026.

DA SILVA JÚNIOR, Paulo Melgaço; DE BRITO, Leandro Teofilo. Masculinidades performativas no contexto escolar: entre regulações, tensões e subversões. **Áskesis-Revista des discentes do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar**, v. 7, n. 1, p. 26-38, 2018.

JUNIOR, Dilton Couto; DE BRITO, Leandro Teofilo. Performatizações dissidentes na escola: masculinidades precárias em discussão. **Revista Periódicus**, 2019.

SILVA, Ivone Maria Mendes; LAPINSKI, Tatiane Fátima. Universidade: espaço para (re) pensar concepções de gênero, masculinidade e suas implicações na formação de pedagogos. **Diversidade e Educação**, v. 7, n. 1, p. 18-26, 2019.